

CENTRO UNIVERSITÁRIO ATENAS

THAYS SILVA FERREIRA

A DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA: Uma visão psicológica

Paracatu

2022

THAYS SILVA FERREIRA

A depressão na adolescência: Uma visão ampliada

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Psicologia do Uniatenas, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II).

Orientador: Prof. Nayara Ferreira Favoreto.

Paracatu

2022

THAYS SILVA FERREIRA

A depressão na adolescência: Uma visão ampliada

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Psicologia do Uniatenas, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II).

Orientador: Prof.^a Msc. Nayara Ferreira Favoreto.

Banca Examinadora:

Paracatu - MG, 09 de junho de 2022.

Prof.^a Msc. Nayara Ferreira Favoreto
Uniatenas

Prof.^a Msc. Analice Aparecida dos Santos
Uniatenas

Prof.^a Alice Sodré dos Santos
Uniatenas

AGRADECIMENTOS

É terminado uma etapa de muitas lutas, choros, alegrias e decepções, após tamanha persistência e foco, a alegria de ter vencido mais um ciclo é gratificante. Posto isso, dedico este trabalho a todos que me apoiaram nesta etapa da minha vida. Agradeço aos meus pais Ivone e Gilson, a minha irmã Thainá por me ajudarem a realizar esse sonho. Agradeço também a minha orientadora Nayara pela paciência e carisma tornando esse projeto maleável e menos pesado de ser concluído, me orientando da melhor forma para a conclusão deste. Por fim, gostaria de agradecer principalmente a Deus por ter me dado forças todos os dias, mesmo quando tudo parecia impossível. É com grande alegria que agradeço a todos por terem feito parte de todos esses anos. Obrigada!

A alegria está na luta, na tentativa, no sofrimento envolvido e não na vitória propriamente dita.

Mahatma Gandhi.

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de apresentar os principais aspectos das pesquisas em depressão na adolescência. Para ser feito este, foi utilizado de literaturas com base científicas como Pepsic e Scielo, além de livros da área da Psicologia. A depressão na adolescência trata-se de um estudo que preocupa cada vez mais por seu alto índice de frequência, o que apresenta grande aumento nos próximos anos. A ansiedade por sua vez é uma das comorbidades advindas da depressão em adolescentes. Posto isso é válido ressaltar a incidência deste, quando se trata de um âmbito familiar como ambiente que predispõe de riscos para tal transtorno, obtendo além, outros fatores como a diabetes. Por fim é apresentado a depressão na adolescência, sendo este um transtorno mental que pode ser tratado, tanto com acompanhamento psicológico, quanto com a junção dela com a medicação.

Palavras-chave: Depressão na adolescência, ansiedade, incidências, tratamento.

ABSTRACT

The present work aims to present the main aspects of research in depression in adolescence. To be done this, it was used from scientific-based literatures such as Pepsic and Scielo, as well as books from the psychology area. Depression in adolescence is a study that is increasingly concerned about its high frequency index, which is increasing in the coming years. Anxiety in turn is one of the comorbidities of depression in adolescents. Having said that, it is worth emphasizing the incidence of this, when it comes to a family environment as an environment that predisposes of risks for such disorder, obtaining in addition other factors such as diabetes. Finally, depression is presented in adolescence, which is a mental disorder that can be treated, both with psychological follow-up and with the combination of it with medication.

Keywords: *Depression in adolescence, anxiety, incidence, treatment.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	10
1.2 HIPÓTESES	10
1.3 OBJETIVOS	11
1.3.1 OBJETIVO GERAL	11
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	11
1.5 METODOLOGIA DO ESTUDO	12
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO	12
2 OS PRINCIPAIS CONCEITOS DE DEPRESSÃO	14
3 A INCIDÊNCIA DOS FATORES DEPRESSIVOS NA ADOLESCÊNCIA	18
4 AS PRINCIPAIS INTERVENÇÕES NOS CASOS DE DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA	21
5 CONCLUSÃO	
REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho procurou investigar a prevalência, em adolescentes, de sintomas depressivos associados a comorbidades, isto é, a ansiedade, fatores de risco, eventos estressores ou comportamento suicida, com o objetivo de prevenir contra o suicídio e possibilitar a compreensão em seus diversos vieses. A depressão na adolescência é vista como um dos principais transtornos, sendo um distúrbio que pode atingir o ser humano em diferentes estágios da vida. Assim, mesmo que um grupo de adolescentes seja considerado saudável, é possível identificar condições negativas à saúde. Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), os resultados são alarmantes para as próximas duas décadas, o que apresenta um acréscimo no número de deprimidos que em 2020 (MONTEIRO, LAGE, 2007).

A presença de adolescentes com sintomas de depressão é cada vez mais frequente, sobretudo, em jovens com idade média de 16 anos. São estimativas preocupantes que apresentam altas taxas de reincidência, pois as consequências podem afetar a vida adulta (MELO, SIEBRA & MOREIRA, 2017).

A ansiedade é uma comorbidade que está altamente ligada à depressão, assim como ao uso de substâncias, desajustamento escolar ou social. Está associada, ainda, a diferentes fatores biológicos, sociais ou psicológicos, além disso, é definido como um sentimento relacionado a uma sensação de antecipação de um perigo, tanto presente, quanto futuro (GROLLI, WAGNER & DALBOSCO, 2017).

A probabilidade da existência de comorbidades aumenta de acordo com o quadro depressivo. Os transtornos depressivos em adolescentes apresentam 40% de comorbidades com transtornos de ansiedade e 15% com transtornos de conduta (BAHLS, 2002).

De acordo com Grolli, Wagner & Dalbosco (2017), o medo e a ansiedade são considerados sentimentos normais e são de suma importância para a sobrevivência do indivíduo. Porém, quando estão muito intensificados, é preciso serem identificados e tratados, já que, tudo aquilo que se manifesta de maneira disfuncional, causando dificuldades, tanto na rotina, quanto nas atividades cotidianas, deve ter uma atenção redobrada. Assim retrata Silva (2016, p.22)

“Muitos deprimidos começam a negligenciar a sua aparência, deixando de ser vaidosos, asseados ou arrumados [...]. É frequente também evitarem o encontro com pessoas, preferindo ficar em casa, onde permanecem deitados ou em andanças angustiantes e sem nenhuma finalidade prática [...]”

O evento estressor é tido como um estímulo que ameaça o organismo, tendo assim, consequências ou respostas físicas para evitar ou escapar de alguma situação como, por exemplo, a separação dos pais, histórico de criminalidade em uma das figuras parentais, doença mental em um dos genitores e baixa renda (WATHIER & DELL’AGLIO, 2007).

Wathier & Dell’Aglío (2007) ressaltam que os eventos crônicos ou micro eventos diários, ou seja, situações pequenas que ocorrem no dia a dia, tal como, uma desavença no trabalho, discussões, dentre outros, são também considerados um problema de saúde mental, até mesmo maior que os eventos agudos.

Wathier & Dell’Aglío (2007) afirmam que situações que envolveram violência, abandono, falta de apoio social, quebra de vínculos, dentre outras, poderiam ser potencialmente associadas à depressão, dessa forma, vários sintomas depressivos podem estar presentes em lares considerados violentos e agressivos. O suicídio é um fator de risco para os casos de depressão.

Conforme Araújo, Vieira & Coutinho (2010), nas últimas décadas, o comportamento suicida tem aumentado entre os jovens, sendo a adolescência uma fase bastante associada à morte por causas violentas.

Quando incluídos no mesmo ambiente, o risco de conflitos com os pais, parentes ou parceiros tendem a tornarem-se constantes, seja pelo quadro depressivo ou por fatores associados a ele, como inquietude, irritabilidade, ansiedade e angústia (SILVA, 2016).

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Quais fatores de riscos estão associados à depressão na adolescência e como estudos em Psicologia retratam o presente fenômeno?

1.2 HIPÓTESES

A idade é um fator que pode acarretar mudanças na vida dos adolescentes,

o que pode ser um fator de estresse, portanto, exige novas formas de se adaptar.

Portanto, se alimentar bem, praticar esportes com frequência assim como se cuidar emocionalmente e espiritualmente ao decorrer da vida são métodos que podem garantir uma vida salubre, pois reduz o estresse, aumenta a resistência corpórea, psíquica e intelectual. É importante ressaltar que estudos sobre os fatores de risco e proteção, na indicação da depressão na adolescência, podem ser necessários na prevenção e promoção da saúde. Então, analisar não somente esses fatores, mas os de proteção explica tal necessidade.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Investigar a depressão na adolescência e seus fatores de risco.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Apresentar os principais conceitos da depressão.
- b) Analisar a incidência dos fatores depressivos na adolescência.
- c) Discutir sobre as principais intervenções nos casos de depressão na adolescência.

1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

A depressão e o suicídio são considerados uma situação delicada, quando se trata de adolescentes, pois, o suicídio é a terceira maior causa de mortes nos mesmos. A depressão pode antecipar o autoextermínio, e, portanto, não deve ser tratada como habitual (MELO, SIEBRA & MOREIRA, 2017).

Justifica-se, então, a importância desse estudo no viés da sociedade, para um olhar ampliado e empático diante da depressão em adolescentes, o que facilita o conhecimento sobre o assunto abordado, como, no auxílio dos indivíduos no meio social. No viés científico, colaboram com estudos empíricos e avançados, na coleta de novos dados, o que fornece novas pesquisas, aprimoradas e

atualizadas. Segundo Sampaio Camino & Roazzi (2009) a empatia é importante para a sobrevivência e sociabilidade dos sujeitos.

Justifica-se, então, a importância desse estudo no viés da sociedade, para um olhar ampliado e empático diante da depressão em adolescentes, o que facilita o conhecimento sobre o assunto abordado, como, no auxílio dos indivíduos no meio social. No viés científico, colaboram com estudos empíricos e avançados, na coleta de novos dados, o que fornece novas pesquisas, aprimoradas e atualizadas.

1.5 METODOLOGIA DO ESTUDO

O presente estudo trata-se de um levantamento bibliográfico que basear-se-á em artigos científicos retirados das seguintes bases de dados: Google acadêmico, Scielo, PePsic e Biblioteca digital.

De acordo com Trindade e Serpa (2013) a pesquisa exploratória tem o objetivo de enriquecer uma visão comum sobre determinado assunto. Ademais, são elaborados também com intuito de analisar estudos que estão escassos de conteúdo, possibilitando novas questões e hipóteses a respeito.

Serão utilizadas as seguintes palavras-chaves: Depressão na adolescência, incidência e intervenção.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta pesquisa está dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo é composto pela introdução, problema, hipótese, objetivos, justificativa e metodologia do estudo, onde descreve o projeto de pesquisa.

O segundo capítulo esclarece a respeito dos principais conceitos em torno da depressão esclarecendo sua sintomatologia, desenvolvimento e curso, além das barreiras que impedem o diagnóstico preventivo da doença, posto isso, inúmeras vezes os indivíduos ainda estão sujeitos a tratamentos preconceituosos como os tabus depreciativos.

O terceiro capítulo caracteriza o papel dos pais e genitores na incidência da doença, onde se tem bastante influencia na vida de seus filhos, portanto, seus comportamentos são vistos como disfuncionais quando relacionados aos filhos

com depressão, válido ressaltar os demais fatores predispostos, como a diabetes.

O quarto capítulo se dedica a apresentar as demandas de tratamentos e apoios acerca do transtorno e sintomas, visando intervir para o bem-estar do sujeito em toda sua individualidade.

O quinto e último capítulo trata-se das conclusões finais, onde se aborda a relevância de pesquisas científicas a respeito da depressão em adolescentes, onde é válido afirmar o papel importante que a Psicologia tem diante dos acometidos por tal transtorno.

2 OS PRINCIPAIS CONCEITOS DE DEPRESSÃO

A afirmativa de que há um surto depressivo pode parecer primeiramente um abuso ou um artifício da indústria farmacêutica, que almeja incansavelmente vender seus medicamentos ilusionistas da alegria, como se comercializasse pão quentinho recentemente saído do forno pela manhã. Contudo, excepcionalmente, as evidências de indivíduos acometidos por estados depressivos clínicos indicam uma infeliz e eventual realidade, ou seja, estão cada vez maiores. Ademais, ficam por um prazo maior, com sintomatologia mais agravada, e começam com uma faixa etária mais jovem. Portanto, desprezar esses vieses não desaparecerá com o diagnóstico depressivo, mas sim irá colaborar com a ignorância e discriminação, o que fez com que chegasse predominantemente à realidade atual (SILVA, 2016).

Segundo Silva, (2016) os sujeitos voltam-se a ideia de colocar para debaixo do tapete aquilo que tem medo, como se esquivar-se de seus pensamentos fosse agir milagrosamente e adquirir capacidades contra suas inquietações. Retrair esses medos e direcioná-los a uma área de difícil acesso da memória, não repara o sofrimento reprimido, mas tem tendência a intensificá-lo. Por fim a desinformação a respeito disso dificulta o diagnóstico antecipado, o que torna impossível tratar adequadamente, e muitas das vezes deixaria o sujeito isento de um sofrimento permanente ou duradouro, até mesmo impossibilitado.

Em se falar de depressão, não é referido aos indivíduos que passam por sofrimentos psíquicos breves, cujos em menos de um mês, se sentem bem voluntariamente, porém daqueles que sua sintomatologia dificulta a vida saudável expressivamente, o que gera sérios danos. A depressão por sua vez é uma patologia clínica, que pode ser fatídico (SILVA, 2016).

De acordo com Silva, (2016) a organização da área da saúde psíquica está preocupada com as estatísticas alarmantes que se mencionam não apenas ao aumento excessivo de depressivos, mas ao acréscimo dos sujeitos que passarão ainda por ela.

Em se falando de forma precisa no que se diz a um possível diagnóstico de transtorno depressivo, é válido se ater a alguns aspectos como, a intensidade com que é presenciada, sua recorrência além de sua duração. Dentro desse mesmo viés existem manuais que contém informações detalhadas e

comprobatórias para que se analise de fato todo um contexto sintomatológico (MONTEIRO & LAGE, 2007).

Os indivíduos depressivos, em altos níveis, se sentem acanhados e oprimidos pela sua doença, o que permite que ela seja de forma silenciosa. Uma frase bastante usada pelos desinformados é: “Isso é coisa da sua cabeça”. Claramente uma pessoa depressiva ao escutar esse tipo de asserção, soa como se a depressão em si fosse definida como algo irrelevante e imaginário e que essa pessoa só é “molenga” (SILVA, 2016).

É ressaltado por Silva, (2016) que de forma mais metodológica a doença depressiva é capaz de ser acentuada como um distúrbio psíquico que modifica de maneira potencial o temperamento de quem a possui. Assim como pode ser uma definição para o estado espiritual, à vista disso é frequentemente relacionado com um indivíduo que esteja de bom ou mau humor. Diante disso a sintomatologia dos deprimidos vai além do humor melancólico.

É válido relatar que em grande parte, os sintomas deprimidos são primeiramente vistos pela família ou amigos próximos desse sujeito, anteriormente do mesmo, posteriormente também percebido sobre sua condição apenas em um consultório terapêutico ou médico. É decorrente disso que muitas das vezes pelo “tabu” relacionado ao distúrbio que continua com o decorrer dos anos, porém perspicaz no dia a dia. Diante de tamanha incomodidade por parte do depressivo, ele tende a não discernir a situação que se encontra e dificulta a reconstrução dessa possível relação com a depressão (SILVA, 2016).

É percebido que em contradição ao modo comum que é corriqueiramente visto, inúmeros depressivos não se sentem ou aparentam estar depressivos, contudo, passam por um grande sofrimento, o que é evidente. Com frequência tendem a demonstrar irritabilidade e agitação, facilmente se chateiam e estão sempre indiferentes ou imparciais por tudo, assim como, sua vida familiar, profissional ou afetiva. O que antes era motivo de grande prazer e empenho por parte desse indivíduo, não possui a mesma assiduidade, gerando uma transformação brusca em vários vieses de sua vida (SILVA, 2016).

O reflexo dos danos gerados com relação as funções cognitivas dos sujeitos com depressão, são vistos na imensa dificuldade que eles mostram ter a cada tomada de decisões. Tudo acaba se tornando um dilema de muito sofrimento, como por exemplo, o que vestir, o que comer, beber, assim como,

qual horário deveria tomar banho, sendo essas tarefas basilares no cotidiano, que os tornam apreensivos, aflitos, confusos em debates infundados, com isso diante da vida, se paralisam de forma funcional e emotiva (SILVA, 2016).

Em pesquisas de Bahls (2002), é retratado como o transtorno depressivo em adolescentes demonstra com frequência sintomas parecidos com os dos adultos. Os adolescentes não se mostram sempre cabisbaixos no que se diz ao seu estado deprimido, porém costumam manifestar humor irritável e inconstante, o que pode acarretar crises explosivas e irritabilidade em sua conduta.

Segundo Silva, (2016) a depressão se diz a respeito do ser humano como um todo e não somente a psique daqueles que a tem, pois, muitas demandas do desenvolvimento fisiológico também são prejudicadas por tal. É perceptível quando se trata da alimentação, sendo afetada pela perda de apetite, ocasionando o emagrecimento rápido e evidente ou pela mudança excessiva ao comer, tendo um aumento de peso, o que deixa os depressivos frágeis e com a sintomatologia nítida, ademais o sono também está dentre os mais prejudicados nessa disfunção, além da libido por ser diminuída de maneira expressiva, onde em alguns casos leva ao desaparecimento deste.

A palavra exaustão é uma das palavras mais usadas por pacientes com depressão em atendimento psicológico, mesmo em meio as tribulações no ato de se expressar, é nítido de forma verbal e comportamental o quanto estão esgotados fisicamente e psicologicamente. É de fácil percepção também no que se diz ao semblante inexpressivo e sem cor do que por vezes fora motivo de imensa felicidade e satisfação (SILVA, 2016).

É retratado que somente a comum realidade de se ter que levantar da cama ao amanhecer e se alimentar requerem um grande empenho do que as vezes é inalcançável, bem como o asseio e cuidado individual, como a higiene bucal, troca de vestimentas, dentre outros. Ocorre inclusive implicações físicas recorrentes da depressão, assim como dores de cabeça, peitorais etc. Ao examinar por meio de testes integrativos, não se tem um esclarecimento médico para fundamentar tal acontecimento, exceto pela depressão (SILVA, 2016).

Segundo o DSM-5 (2014), é possível citar como exemplo o transtorno depressivo maior, sendo, portanto, de forma comprobatória aos dados já expostos, tendo em vista que para se ter um possível diagnóstico são necessários a comprovação de diversos fatores de risco relacionados, como, os

temperamentais, ambientais, genéticos e fisiológicos, assim como, o desenvolvimento e curso do transtorno e sua prevalência.

3 A INCIDÊNCIA DOS FATORES DEPRESSIVOS NA ADOLESCÊNCIA

A fase do estabelecimento de relações é considerada crítica, no aprimoramento dos contatos com a sociedade. Porque, exige aptidão para resolução de problemas do cotidiano e para tomada de decisões com maior independência. Ademais, é notável que boa parte dos adolescentes estão expostos a situações de estresse, responsável pelo surgimento dos transtornos depressivos (CAMPOS, PRETTE, PRETTE, 2014).

Estudos têm sido feitos com objetivo de confirmar o efeito das prováveis condutas parentais com sua prole. Os genitores possuem o papel principal na socialização e de inúmeros traços da emoção, dos pensamentos e comportamentos dos filhos que estão conciliados ao modo específico de criação abordada por eles (MELO, SIEBRA & MOREIRA, 2017).

Em pesquisa feita no México, com intuito de averiguar a relação práticas parentais com os sintomas depressivos dos filhos adolescentes, foi observado que adolescentes que acreditavam ser manipulados e viam uma educação incerta, mostraram repetidamente e excessivamente sintomas intensos ao se comparar com os que relatavam que seus pais obtinham uma rede mais ampla de conversa, que deixava o desenvolvimento da independência no que se diz aos adolescentes (MELO, SIEBRA & MOREIRA, 2017).

É indagado que adolescentes com exteriorizações da depressão exibem um entendimento deformado com relação aos comportamentos dos genitores, vendo-os como disfuncionais. As complexidades nos vínculos podem ser motivadas por um histórico de depressão por parte da mãe. Nos estudos dirigidos por esses autores verificou-se que filhos de mães que dispõem desses aspectos contêm elevada predisposição à depressão, contudo, condutas estressoras (MELO, SIEBRA & MOREIRA, 2017).

A propensão à depressão é passada de acordo com os genes da família, ou seja, de entes afastados ou não. Essa predisposição à vulnerabilidade de um indivíduo ao distúrbio depressivo é mostrada pelo montante de diversos genes que se interagem, porque ainda em nenhum estudo da ciência foi possível demonstrar uma ligação precisa relacionada à somente um gene em particular, que estivesse notório em cada um dos sujeitos predispostos aos inúmeros aspectos da depressão. É válido afirmar que o distúrbio em si não é herdado,

porém a suscetibilidade para o seu desenvolvimento (SILVA, 2016).

De acordo com Silva (2016), a suscetibilidade adquirida não diz de forma convicta sobre o progresso dos transtornos da depressão ou do transtorno bipolar, pois dentre os sujeitos advindos com esse transtorno, os genes correspondem à basicamente 70% ou 2/3 das ocorrências, sendo assim o restante é dos casos os aspectos da psique e do ambiente são capazes de desencadear estimular essas doenças.

Segundo Moreira & Bastos (2015), a suscetibilidade ligada ao transtorno mental, a depressão, ao uso abusivo de álcool, a crueldades, abuso, dentre outros, assim como à “carga” sociocultural mostram os exacerbados fatores de risco à depressão e suscetivelmente ao suicídio.

Vale destacar que esses fatores isolados não prediz o suicídio, mas as diversas influências são capazes de ampliar a fragilidade dos sujeitos à essa conduta. Principalmente no que se diz ao adolescente, ademais algumas pesquisas demonstram ainda que o retraimento social, violência no meio familiar, evidências de violência física ou sexual, estresse, eventos estressores ao longo da vida, suporte social precário, consumação do suicídio por algum ente familiar, autoestima irregular, problemas nas relações amorosas, dentre outros, são potencialmente de risco (MOREIRA & BASTOS, 2015).

Segundo Melo, Siebra & Moreira, (2017) o âmbito familiar é imprescindível para que o adolescente se desenvolva, visto que propicia um ambiente de proteção, isento de agitações contra as complexidades do dia a dia, o que é perceptível de maneira mais acentuada nessa fase do desenvolvimento. É complementado a ressalva a respeito do vínculo entre pais e filhos como uma estrutura para a individualidade do adolescente. Portanto, a depressão não pode ser submetida a uma percepção unicamente simples, o que advém a uma causa e efeito, no que tange o aparecimento dessa patologia, advindo de outros aspectos também.

A depressão está também claramente associada à diabetes melito. Em estudos feitos com grupos-controle considerados comuns, a predominância de depressão em indivíduos diabéticos foi de 11% a 31%, sendo que a existência de diabetes cresce duas vezes o risco de depressão em se comparando aos grupos controle, indiferentemente se fosse tipo 1 ou 2. Indivíduos com depressão possuem risco elevado de apresentar diabetes tipo 2 (TENG, HUMES &

DEMETRIO, 2005).

Sujeitos com depressão e diabetes demonstram grande risco com relação a obesidade, baixo grau educacional e socioeconômico, o que se diz o mesmo sobre o suporte social, por fim mais suscetível a estressores psicossociais e financeiros (TENG, HUMES & DEMETRIO, 2005).

A existência de depressão amplia o discernimento dos sintomas de diabetes, portanto, experienciam mais sintomas relativos aos não deprimidos, mesmo com a severidade da diabetes equilibrada. Posteriormente, esses indivíduos demonstram um controle glicêmico ruim e exacerbada predominância de diversas complicações do diabetes (TENG, HUMES & DEMETRIO, 2005).

A junção depressão e diabetes agregados aos mecanismos biológicos ainda não são claros. Há indicativos que evidenciam que as alterações hormonais, a princípio a hipercortisolemia, além do acréscimo da ativação imunoinflamatória poderiam descrever risco superior de diabetes em depressivos, e modificações do transporte de glicose em áreas particulares do cérebro poderiam acontecer em pessoas diabéticas, o que favorece o aparecimento da depressão (TENG, HUMES & DEMETRIO, 2005).

A depressão na adolescência é um fator de risco para acarretar a obesidade na fase adulta, entretanto, ter excesso de peso na adolescência amplifica o risco de possuir depressão enquanto adulto. Um evento importante é a ligação do tratamento no efeito de cada adversidade, pelo fato do mesmo ter a possibilidade de aumentar o peso, enquanto sua atenuação do peso tende a aperfeiçoar o humor (TENG, HUMES & DEMETRIO, 2005).

4 AS PRINCIPAIS INTERVENÇÕES NOS CASOS DE DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA

Segundo Silva (2016), por muito tempo houve conflitos com relação aos especialistas da saúde psíquica devido a melhor e mais eficiente maneira de tratar a patologia depressiva. Por sua vez, os psiquiatras justificavam os recursos ligados a medicação e confiavam seriamente nisso, entretanto os terapeutas e psicólogos voltavam-se contra os medicamentos, com o intuito e afirmação de que esse meio medicamentoso poderia atrapalhar no que se diz a respeito do desvendar dos possíveis e verídicos sintomas depressivos.

Em pesquisas dos autores Melo, Siebra & Moreira (2017) assentem a elementar colaboração do meio, não somente familiar, mais também social, no aprimoramento e desenvolvimento do adolescente. É salientado sobre a importância da rede de apoio proximal. Ao decorrer do crescimento dos adolescentes, os vínculos fraternos e de amigos ganham uma relevância maior, devido ao desapegar-se dos pais gradativamente, o que auxilia na busca do indivíduo por diferentes redes de apoio.

O estabelecimento de um ambiente viável assegura que o sujeito se sinta amparado o suficiente para determinar e aceitar que precisa de ajuda profissional, isso acontece diante da construção da depressão posteriormente ser tratada ainda como estigma, sobretudo, por aqueles que a possuem (MELO, SIEBRA & MOREIRA, 2017).

A inconstância emocional também pode aparecer em outros períodos do desenvolvimento humano, dessa maneira, é necessário enfrentar os episódios estressores. Contudo, enxergar o comportamento de adolescentes como algo instável e excessivo não é o recomendado, pois dificultará o processo de diagnóstico, assim difere como um possível tratamento para transtornos mentais (GROLLI, WAGNER & DALBOSCO, 2017).

Atualmente, devido à boa conduta dos envolvidos em prol do bem-estar dos sujeitos depressivos, e diante das pesquisas em torno do mundo, predomina o acerto de que suas funções unidas e agregadas uma as outras favorecem a melhoria e precaução de possíveis episódios da depressão, em particular aos indivíduos que mostram maior suscetibilidade dos genes para os distúrbios depressivos (SILVA, 2016).

É nítido que somente conciliar um método de vida salubre não cura por si só os aspectos depressivos, pois sua abordagem se faz necessária com a colaboração de especialistas da área da saúde empenhados com essa causa. Contudo, no momento que o sujeito presenciar a volta mesmo que gradativa de sua disposição e do seu eu em toda sua essência, é necessário que ele se aproprie de formas que agreguem o seu bem-estar, com a intenção de preservá-lo (SILVA, 2016).

Segundo Silva (2016, p.141), avaliar os três vieses da vida sendo elas: corpo, psique e a espiritualidade é fundamental para o funcionamento, ressalva que:

“O tratamento dos indivíduos depressivos está relacionado a assistência na jornada longa para uma vida mais saudável, [...]. Ademais, tratando e vendo com o decorrer do tempo suas sintomatologias depressivas e sofrimentos psíquicos como apenas memórias passadas [...]”

A depressão é uma doença que com o passar dos anos se tornou bastante frequente, tendo como parte de sua identificação uma sequência de alternâncias. Isso se dá devido a complicação da doença. Muitos aspectos podem estar expostos, normalmente de maneira integrada, no surgimento e curso dessa doença, assim como, aspectos do gene, da psique e do ambiente. Portanto para se pensar em um tratamento que tenha uma eficácia de fato, é preciso levar em conta todos esses aspectos, onde dentro do viável, inseridos no planejamento psicológico de cada sujeito (SILVA, 2016).

Segundo Silva, (2016) o primeiro passo descrito como imprescindível para um possível tratamento de forma apropriada, é a criação de um vínculo com o paciente, no qual se encontra ali fragilizado e com toda sua bagagem emocional, pois, é a partir disso que será obtido soluções válidas para a demanda. Sendo colhidas todas as informações fundamentais para diagnóstico adequado e fundamentação de um planejamento psicológico, como, idade, escolaridade, personalidade, profissão, doenças clínicas etc.

O tratamento por meio da medicação tem o intuito de tratar a depressão, amenizar a sintomatologia, assim como precaver-se de futuras reincidências. Os medicamentos farmacológicos fundamentais para serem usados nesses casos são tidos como antidepressivos, onde é preciso de prescrição médica além de supervisão médica recorrente. É válido citar o resultado expressivo diante desses

medicamentos que por sua vez, reduzem e até acabam com alguns sintomas da depressão em si, como, estado de vigília, mudanças no apetite, ansiedade, agitação assim como a diminuição da vontade ou inexistência de força física (SILVA, 2016).

A questão sobre terapia ou medicamento já foi bastante discutida, hoje as duas sendo vistas em modo conjunto possuem grande eficácia diante da melhora do paciente, sendo na diminuição ou escassez de seus sintomas mais graves. Podemos citar a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) como uma linha que demonstra demasiada eficiência nesse quesito do transtorno depressivo, tendo em vista que existem outras diversas abordagens para o tratamento (SILVA, 2016).

Por sua vez quando se trata do viés cognitivo do paciente, é tido como a habilidade que um indivíduo tem na percepção e raciocínio de seu mundo interno e externo, ou seja, dentro da abordagem da TCC, o profissional buscará o enriquecimento do sujeito diante do seu eu, analisando e ressignificando os pensamentos negativos, que inúmeras vezes se tornam automáticos. Já no viés do comportamento se diz respeito de como o indivíduo se conduz nas situações do dia a dia. Assim sendo, é aconselhado e ensinado como o paciente deverá se comportar para que não alimente tais concepções e condutas. Portanto, de acordo com a afirmativa de que o cérebro é apto para renovar novas maneiras de raciocínio e ação que são frequentemente executadas, será entendido que devido a tal abordagem ele se tornará mais resistente e capaz de passar por circunstâncias causadoras de excitações nervosas, pavor e inquietações (SILVA, 2016).

Por fim é preciso falar do conjunto psicoeducacional, **Centro de Valorização da Vida (CVV)** sendo uma organização sem meios de ganhos ou lucros em cima disso, portanto fornece atendimento psíquico por ligação, internet e ao vivo em suas plataformas, com intuito de dar suporte psicológico e posteriormente precaver o ato suicida, por meio da escuta ativa e afetiva por voluntários que se submetem a uma triagem e capacitação precisa de 3 meses. No país possuem 70 centros de apoio ao redor do país, sendo atendidas por volta de 1 milhão de acolhimentos ao ano. Não são relacionados ou conectados a organizações religiosas ou políticas (SILVA, 2016).

5 CONCLUSÃO

Diante do estudo feito é possível concluir que a depressão esteve sempre presente na conduta do homem, tanto do sexo masculino quanto feminino. É de fácil percepção que o mundo sempre presenciou situações de falta de esperança acarretados por motivos financeiros e de caráter social. Quando falamos em sociabilidade, estamos tratando de uma demanda essencial dos seres humanos, onde um indivíduo necessita do outro para ser autêntico e individual, porém do mesmo modo grupal e transcendental. De outro lado existem os aspectos da cognição que discernem a garantia do ato de raciocinar de forma lógica e resolver os estímulos desafiadores da sobrevivência e crescimento.

Um dos principais aspectos que ocasionaram o aumento significativo de pessoas deprimidas, sendo descrito como o primeiro, se dá pela falta de sensibilidade e egocentrismo dos sujeitos na sociedade atual, sendo desejados de forma desigual como se fosse uma superioridade seletiva, fazendo com que tenham sucesso em suas carreiras. Já o segundo é fortificado de forma acentuada pelo primeiro, tidos como o grau de irritação cada vez mais alto, onde todos os sujeitos presenciam no dia a dia em suas carreiras e em suas vidas pessoais. O terceiro é a privação de uma determinação para a sua existência que aproxime os indivíduos de algo divino e transcendental, apto a induzi-los para um âmbito único e delimitado. Todos esses vieses demonstram grande poder em qualquer sujeito, principalmente se eles forem profundos e frequentes.

É habitual compreender a elevação dos transtornos depressivos em pessoas em situação de desemprego ou quaisquer atividades de profissão. Até mesmo nas que se perdem com a pressão de um emprego progressivamente estressante e sem nenhum contexto individual ou em grupo. Contudo as doenças depressivas acometem também muitos sujeitos que não necessitam de qualquer tipo de bem material, pois elas já adquiriram tudo que queriam. A demanda anterior pode ser explicada devido a circunstâncias de imensa precisão onde todos nossos esforços se tornam para a subsistência, assim a depressão não consegue estímulo para sobressair-se. Sendo assim podemos concluir este estudo e realçar os esforços das pesquisas científicas no mundo, buscando sempre comprovar a eficiência de tal, juntamente com reconstruções importantes

diante do tema, onde foi possível comprovar a hipótese mencionada nesse estudo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Luciene da Costa; VIEIRA, Kay Francis Leal; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio. **Scielo brasil**, [s. l.], abril 2010.

BAHLS, Saint-Clair. Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes. **Scielo brasil**, [s. l.], outubro 2002.

CAMPOS, Josiane Rosa; PRETTE, Almir Del; PRETTE, Zilda Aparecida Pereira Del. Depressão na adolescência: habilidades sociais e variáveis sociodemográficas como fatores de risco/proteção. **Pepsic**, [s. l.], agosto 2014.

GROLLI, Verônica; WAGNER, Marcia Fortes; DALBOSCO, Simone Nenê Portela. Sintomas Depressivos e de Ansiedade em Adolescentes do Ensino Médio. **Pepsic**, [s. l.], janeiro/junho 2017.

MANUAL diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: transtorno depressivo maior. 5ª. ed. [S. l.: s. n.], 2014. 160-168 p.

MELO, Anna Karynne; SIEBRA, Adolfo Jesiel; MOREIRA, Virginia. Depressão em Adolescentes: Revisão da Literatura e o Lugar da Pesquisa Fenomenológica. **Scielo brasil**, [s. l.], janeiro/março 2017.

MONTEIRO, Kátia Cristine Cavalcante; LAGE, Ana Maria Vieira. A depressão na adolescência. **Scielo brasil**, [s. l.], agosto 2007.

MOREIRA, Lenice Carrilho de Oliveira; BASTOS, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Scielo brasil**, [s. l.], dezembro 2015.

SAMPAIO, Leonardo Rodrigues; CAMINO, Leonice Pereira dos Santos; ROAZZI, Antonio. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. **Scielo brasil**, [s. l.], 2009.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Tratamento dos transtornos depressivos: uma história recente e com um futuro promissor**. In: MENTES Depressivas: As três dimensões da doença do século. 1. ed. RJ: Principium, cap. 10, p. 14-156. 2016.

TENG, Chei Tung; HUMES, Eduardo de Castro; DEMETRIO, Frederico Navas. Depressão e comorbidades clínicas. **Scielo brasil**, [s. l.], junho 2005.

TRINDADE, Melina Carvalho; SERPA, Monise Gomes. O papel dos psicólogos em situações de emergências e desastres. **Pepsic**, [s. l.], 2013.

WATHIER, Josiane Lieberknecht; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Sintomas depressivos e eventos estressores em crianças e adolescentes no contexto de institucionalização. **Scielo brasil**, [s. l.], dezembro 2007.